



## PARQUES URBANOS: FORMA, FUNÇÃO, ESTRUTURA E PROCESSO E SUAS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

### URBAN PARKS: FORM, FUNCTION, STRUCTURE, PROCESS, AND THEIR POTENTIAL FOR TEACHING GEOGRAPHY

**Wanessa Santos Silva** – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil  
[wanessa\\_santos22@outlook.com](mailto:wanessa_santos22@outlook.com)

**Adriana Olívia Alves** - UFG – Goiânia – Goiás – Brasil  
[adrianaolivia@ufg.br](mailto:adrianaolivia@ufg.br)

**Resumo:** O presente artigo surge do anseio de um estudo que tange às questões do Ensino de Geografia na Educação Básica levando em consideração as potencialidades geográficas de um parque urbano, com análise desses espaços através de sua forma, função, estrutura e seu processo, que, considerados em conjunto, constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual é possível discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade, como afirma Santos (1985). O artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre os parques urbanos enquanto um recorte territorial, além de argumentar sobre possibilidades de ensino de Geografia em parques urbanos, tendo esses locais grandes potencialidades geográficas para o processo de ensino e aprendizagem através da relação entre os componentes físico-naturais e sociais partindo da vivência dos educandos, podendo ser explorados (esses parques) a partir de linguagens, estratégias e técnicas (fotografias, vídeos, questionários iconográficos) que podem ser trabalhadas durante todo o processo educativo da proposta teórico-metodológica trabalho de campo, por exemplo. Consideram-se componentes físico-naturais todos os elementos compostos no espaço geográfico que em sua origem e seu desenvolvimento se formaram na natureza sem depender das relações sociais. Já os componentes sociais são concebidos como aqueles oriundos das relações sociais dos seres humanos que produzem e atuam cultural, econômica e politicamente. Espera-se, com esta investigação, que haja avanços no que concerne ao recorte espacial dos parques urbanos como forma de integrar os componentes físico-naturais e sociais, bem como contribuir para a análise do pensar por meio dos fenômenos geográficos empreendidos na cidade, especificamente em parques urbanos.

**Palavras-chave:** Parques Urbanos, Categorias de análise, Componentes físico-naturais e sociais, Ensino de Geografia.

**Abstract:** This article emerges from the desire for a study that addresses Geography Education in Basic Education, taking into consideration the geographical potential of an urban park, with an analysis of these spaces through their form, function, structure, and process, which, when considered together, build a theoretical and methodological foundation from which it is possible to discuss spatial phenomena in their entirety, as stated by Santos (1985). The article aims to present reflections on urban parks as a territorial focus, as well as to argue about possibilities for teaching Geography in urban parks, considering these places to have great geographical potential for the teaching and learning process through the relationship between physical-natural and social



components, starting from the experiences of the students, which can be explored (these parks) through languages, strategies, and techniques (such as photographs, videos, iconographic questionnaires), which can be employed throughout the educational process of the theoretical-methodological proposal, for instance, during fieldwork. Physical-natural components are considered to be all the elements that make up the geographical space, which originated and developed in nature without depending on social relations. The social components are conceived as those arising from the social interactions of human beings, which produce and act culturally, economically, and politically. It is expected that this investigation will lead to advances in terms of the spatial focus on urban parks as a means to integrate physical-natural and social components, as well as contribute to the analysis of geographical phenomena undertaken in the city, specifically in urban parks.

**Keywords:** Urban Parks, Analytical Categories, Physical-Natural and Social Components, Teaching of Geography.

## Introdução

Os parques urbanos são ambientes ligados diretamente ao processo de produção e reprodução do espaço urbano, concebidos enquanto equipamentos urbanos e divulgados como áreas verdes que propiciam saúde, lazer e qualidade de vida. Entretanto, contribuem para o processo de reprodução ampliada de capital, influenciando no mercado de terras e no aumento da desigualdade socioespacial. Com o crescimento urbano acelerado e suas modificações, os impactos ambientais se tornaram mais presentes, afastando a população citadina de áreas verdes. Desse modo, os parques urbanos se instalaram nas cidades, desempenhando papéis de lazer, estética, contemplação, além de funções ecológicas, sociais, culturais, políticas e econômicas. Nesse contexto, “[...] os parques se inserem no conjunto espacial urbano como resultado do processo mais amplo de produção e reprodução do espaço, baseado nas leis e normas do Estado capitalista.” (GOMES, 2013, p. 15).

Na cidade de Goiânia-GO, o processo de urbanização não foi diferente. O projeto de construção da cidade, elaborado em meados de 1930 pelo arquiteto urbanista Atílio Corrêa Lima com base nas diretrizes de Armando Augusto Godoy, engenheiro urbanista, desde o início apresentou potencialidades no que tange às áreas verdes urbanas, o que possibilitou ao engenheiro urbanista amparar seu projeto em modelos das cidades-jardim inglesas, criando diversas áreas verdes urbanas ao longo da cidade, sendo estas divididas entre parques



urbanos, bosques, jardim botânico, jardim zoológico, entre outros pontos, todos com características iniciais de preservação dos componentes físico-naturais já existentes na maioria das áreas e que mais tarde ganharam novas estruturas e funções.

Entendem-se por componentes físico-naturais todos os elementos compostos no espaço geográfico que em sua gênese e seu desenvolvimento se formaram na natureza, independentemente das relações sociais. Por componentes sociais, por sua vez, compreendemos aqueles oriundos das relações sociais dos seres humanos que produzem e atuam cultural, econômica e politicamente.

As imagens apresentadas neste artigo são de parques urbanos existentes na cidade de Goiânia. Os parques foram escolhidos a partir de suas localizações e diferentes potencialidades de exploração geográfica por parte de estudantes e pesquisadores. Vale lembrar que são alguns exemplos de equipamentos urbanos, sendo possível realizar o ensino de Geografia em qualquer parque nas mais diferentes cidades.

As potencialidades geográficas de um parque urbano nos levam a considerar esses ambientes como grandes instrumentos de ensino de Geografia, podendo serem percebidos e analisados a partir das categorias de análise: forma, função, estrutura e processo, apresentadas por Milton Santos (1985), que, consideradas em conjunto, constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual é possível discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade. É importante destacar que, ao falarmos do recorte espacial parques urbanos, o todo se torna muito mais do que a soma das partes. Para Santos, a totalidade é

[...] uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento da análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes (SANTOS, 2002, p. 92).

Assim, durante a análise de um objeto geográfico, é importante ressaltar as particularidades, mas, mais ainda, a sua totalidade, possibilitando o entendimento pleno



daquilo que se estuda, o que se dá através da compreensão da forma, da função, do processo e da estrutura de maneira integrada. O todo se integra nas partes.

### **Espaços públicos: parques urbanos e as categorias de análise**

A análise do conceito de espaço público perpassa o sentido de compreender sua morfologia, sua estruturação (social e econômica), sua organização espacial, as apropriações e as transformações na cidade contemporânea, concebendo o espaço como um recurso, um produto e uma prática social, política, sensorial e simbólica. Vinculados aos componentes físico-naturais, aos espaços construídos e externalizados, definidos por suas formas, características e funções, os espaços públicos marcaram as territorialidades e corresponderam à imagem de um lugar, uma cidade, uma região e/ou um país.

Na Geografia, a discussão sobre esse conceito se inicia de forma tardia e é entendida como uma denominação genérica para áreas urbanas abertas, como afirma Gomes:

Na Geografia, as expressões “espaço público” ou “espaços públicos” aparecem comumente como uma denominação genérica para áreas urbanas abertas. Desde os anos 2000, entretanto, a discussão sobre esses espaços ganha proeminência e, aos poucos, a autonomia temática vêm se consolidando. Por isso, não surpreende a aparição tardia dessa denominação nos dicionários especializados, sua ausência nos manuais da disciplina e seu demorado reconhecimento como um campo para a pesquisa geográfica. (2018, p. 115).

A expressão espaço público emerge em diferentes áreas do conhecimento e dessa forma ganha definições e conceitos diversos. Tem na filosofia política os propulsores Jürgen Habermas e Hannah Arendt, chamados de “filósofos do espaço público”. Em 1960, Habermas, em sua tese, entende o espaço público como “[...] o lugar *par excellence* do agir comunicacional, o domínio historicamente constituído da controvérsia democrática e do uso livre e público da razão” (apud SERPA, 2007, p. 16). Ele realiza uma descrição e análise da esfera pública atrelada às relações de poder ao conceber o espaço a partir de uma função



política, que se alicerça no espaço físico material, o qual compreende as transformações físico-espaciais ocorridas ao longo do tempo.

Já para Arendt, o espaço público surge como “[...] lugar da ação política e de expressões de modos de subjetivação não identitários, em contraponto aos territórios familiares e de identificação comunitária” (SERPA, 2007, p. 16). A estudiosa compreende desse modo a pluralidade da condição humana através de ações políticas repensadas a partir do poder de julgamento e discernimento de cada indivíduo, permitindo a orientação de suas ações na esfera pública. Gomes defende que

[...] arquitetos, urbanistas e muitos geógrafos, de modo oposto, utilizam a noção de espaço público como denominação para todo e qualquer espaço urbano livre e aberto [...]. Espaços públicos são associados a certas formas físicas – ruas, praças, parques, etc. Essas formas, no entanto, só ganham sentido na maneira como são estruturadas e vividas, não possuem amalgamado um conteúdo transcendente e absoluto. (2018, p. 1).

Assim, o uso dos espaços por parte de agentes sociais, e também do Estado, é o que dá sentido e significado para além das formas físicas. Santos (1992, p. 49) afirma que, para compreender como é formado o espaço, este deve ser analisado através das categorias forma, função, estrutura e processo, pois “[...] a sociedade só pode ser definida através do espaço”, uma vez que ele “[...] é o resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade”. Esses processos estão diretamente relacionados à forma como as cidades se organizam, à maneira como os espaços se constituem e são transformados.

Corrêa busca tornar mais compreensível a utilização das categorias de análise do espaço ao esclarecer que

[...] as quatro categorias, considerando como **estrutura** a própria sociedade com suas características econômicas, sociais, políticas e culturais. **Processo** é considerado como o conjunto de mecanismos e ações a partir dos quais a estrutura se movimenta, alterando-se as suas características. **Função**, por sua vez, diz respeito às atividades da sociedade, redefinidas a cada momento, que permitem a existência e reprodução social. **Forma**, finalmente, é definida como as criações humanas,



materiais ou não, por meio das quais as diversas atividades se realizam. Receptáculo ou recipiente, pode ser um prédio, uma rua, um bairro, uma cidade, uma área agrícola. A forma se manifesta em várias escalas, tendo uma localização e um dado arranjo espacial. Trata-se, sem dúvida, de forma espacial. (2009, p. 1, grifos nossos).

Desse modo, caberia estudar os parques urbanos a partir das quatro categorias de análise (forma, função, estrutura e processo), compreendendo o papel exercido por esses espaços, bem como por seus atores. O quadro a seguir demonstra brevemente as definições das categorias de análise relacionadas aos parques urbanos.

**Quadro 1.** Forma, função, estrutura e processo e os parques urbanos

<b>Categorias de análise</b>	<b>Descrição</b>	<b>Parques urbanos</b>
Forma	"[...] o aspecto visível de uma coisa (arranjo ordenado de objetos, a um padrão)."	Recorte territorial, que surgem por necessidade de preservação as áreas verdes urbanas e seus componentes físico-naturais, compostos por objetos geográficos, naturais, artificiais e sociais. Demonstra as relações existentes, aspectos visíveis e invisíveis.
Função	"[...] atividades da sociedade, redefinidas a cada momento, que permitem a existência e reprodução social."	Ecológicas, sociais, econômicas, culturais, ecológicas e de valorização fundiária. Local concreto que possibilita integração de seus elementos no cotidiano.
Estrutura	"[...] implica a interrelação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção".	Porção do espaço. A soma da interação de todas essas partes, constitui a "estrutura" que também se desenvolve no espaço. Todos os elementos e ações que se desenvolvem nos parques urbanos
Processo	"[...] uma ação contínua desenvolve-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo, (continuidade) e mudança".	É na categoria "processo" que a "estrutura" se movimenta. Modificações da paisagem dos parques urbanos nos aspectos dos componentes físico-naturais (clima, solo, hidrografia, vegetação, relevo), e como local de integração social a partir de ações contínuas como, lazer, comunicação, encontros, trabalho, descanso, práticas de exercícios, práticas culturais, contemplação e outros.

Fonte: Baseado em Santos (1985, 1992). Elaborado pela autora (2023).

A partir do quadro inicial, é possível reconhecer algumas possibilidades de pensar os parques urbanos através das categorias de análise postas por Santos descritas ao longo deste texto. O espaço contém e é contido nas instâncias sociais, econômicas, culturais e ideológicas



(SANTOS, 1985); dessa maneira, tem-se nos parques urbanos a representação da categoria de análise “forma”, pensando em seu recorte territorial. Para Santos, quando analisamos um determinado espaço,

[...] se nós cogitamos apenas dos seus elementos, da natureza desses elementos, não ultrapassamos o domínio da abstração. É somente a relação que existe entre as coisas que nos permite realmente conhecê-las e defini-las. Fatos isolados são abstrações, e o que lhes dá concretude é a relação que mantêm entre si (1992, p. 14).

A “forma” é definida por Santos (1985, p. 69) por ser “[...] o aspecto visível de uma coisa (arranjo ordenado de objetos, a um padrão)”. Assim, os parques urbanos surgem da necessidade de criação de medidas e estratégias de preservação das áreas verdes, de suas características e dos componentes físico-naturais existentes no espaço urbano em busca de um aperfeiçoamento da qualidade ambiental e social. Caracterizam-se como ambientes plurifuncionais, cumprindo papéis sociais, estéticos, ecológicos e econômicos, uma vez que o crescimento urbano acelerado e os problemas dele descendentes tomaram conta desses espaços.

Os parques urbanos são áreas geograficamente delimitadas, definidos como espaços de uso público onde predominam os componentes físico-naturais (vegetação, solo, relevo, hidrografia, clima e fauna) e os componentes sociais, econômicos, culturais e ideológicos. Kliass (1993, p. 19) os define como “[...] dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinado à recreação”.

Para Lima (1994), os parques urbanos são áreas verdes com função ecológica, estética e de lazer que têm uma extensão maior que as praças e os jardins públicos. Já Macedo e Sakata (2003, p. 14) consideram como parque “[...] todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, e qualquer que seja seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente”. Notam-se, nas definições apresentadas, aspectos que caracterizam a forma desses espaços (Figura 1) que carregam em si estruturas e organizações diversas de seus objetos.

**Figura 1.** Fotografias do Parque Municipal Itatiaia, localizado na Vila Itatiaia, Região Norte de Goiânia-GO



Fonte: Trabalho de campo (2023).

As imagens do Parque Itatiaia evidenciam os componentes físico-naturais (vegetação, solo e relevo) encontrados em abundância ao longo do parque, seja por parte da vegetação nativa dessa área, seja através da inserção de mudas pela prefeitura e/ou população do entorno do parque, o que demonstra a estrutura e organização dos objetos dessa área. A representação da categoria de análise “forma” nos parques urbanos, do ponto de vista do recorte territorial, traz consigo as relações existentes nesses espaços, seja com os aspectos visíveis e invisíveis que compõem os parques urbanos, seja com a relação exercida em seu entorno, os objetos que os circundam, nos levando a perceber a categoria “função”. Assim, tem-se que “[...] Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a determinadas funções





de um presente, ou de uma realidade. Chamadas para dar entendimento ao espaço enquanto totalidade, essas categorias analíticas não podem ser tomadas separadamente.” (STRAFORINI, 2015, p. 101).

As instâncias sociais, econômicas, culturais e ideológicas presentes nos parques urbanos resultam nos objetos geográficos naturais, artificiais e sociais. A junção de tais objetos classifica a categoria de análise “função”, que “[...] de acordo com o *Dicionário Webster*, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa” (SANTOS, 1992, p. 50).

As tarefas e/ou atividades esperadas de um parque urbano são diversas, e suas potencialidades se deparam com cada uma dessas instâncias (sociais, econômicas, culturais e ideológicas). Perceber essas instâncias enquanto “função” é entender esses espaços como lugar concreto, como campo de análise dos componentes ali existentes que se relacionam com os aspectos sociais e com o cotidiano das pessoas que usufruem desses espaços (Figura 2).

A Figura 2 evidencia a relação dos componentes físico-naturais e sociais ao longo do Parque Areião, bem como a relação de uso desses espaços. São duas porções do parque, a primeira imagem apresenta o espelho d’água – lago, elemento estético-paisagístico presente recorrentemente em parques urbanos em áreas de especulação imobiliária. A segunda retrata o playground de alta estruturação e com manutenção adequada. Logo, é possível perceber a categoria “função”, que destaca na dinâmica social a existência e reprodução da sociedade em um dado espaço, neste caso, em parques urbanos. A “função” desses espaços, se relacionada com os aspectos sociais, pode ser representada a partir de motivos pelos quais os parques urbanos são procurados (lazer, contemplação, atividade física, saúde, qualidade de vida, ensaios fotográficos, estudos, encontros). Ou seja, a sociedade é de fundamental importância para a definição da categoria “função” de um parque urbano.

**Figura 2.** Fotografias do Parque Areião, localizado no bairro Pedro Ludovico, Região Sul de Goiânia-GO



Fonte: Trabalho de campo (2022).

É elementar compreender que tais funções (ecológicas, estéticas, sociais, de lazer, contemplação, saúde, qualidade de vida, encontros, entre outras) se moldam de maneira pendular e sazonal. As características de processos e estruturas de um parque urbano têm variações ao longo dos dias da semana e dos horários/períodos em cada um desses dias, além, é claro, de sua localização. É comum encontrarmos pessoas se exercitando nos parques urbanos no período da manhã e no anoitecer, como também se tornam rotineiros os passeios em família aos finais de semanas, os encontros, o domingo no parque, os piqueniques, além das relações comerciais (quiosques, ambulantes e/ou comércio no entorno) que se estabelecem nesses espaços, principalmente nos dias de maior público frequentador,

conforme podemos verificar na Figura 3, que representa um mesmo parque em dias diferentes da semana onde há dinâmicas sociais distintas.

**Figura 3.** Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza, localizado no setor Jardim Goiás, Região Sudeste de Goiânia



Fonte: Trabalho de campo (2022).

A Figura 3 apresenta duas fotografias do Parque Flamboyant, registradas em dias e horários distintos; ambas evidenciam a relação dos componentes físico-naturais e sociais ao longo do parque, bem como a dinâmica de utilização desses espaços de maneira sazonal e/ou pendular. A imagem A foi registrada em uma segunda-feira, às 10h04 da manhã, sendo possível encontrar apenas algumas poucas pessoas fazendo caminhadas matinais. Já as imagens B1 e B2 foram registradas em um domingo por volta das 18h06, sendo o dia da



semana mais comum para os encontros no parque. Na imagem, podemos perceber novas funções adicionadas a um mesmo espaço físico: os ambulantes representados por seus carrinhos de pipoca e brinquedos ao longo do parque, além dos momentos de descanso e contemplação de diferentes atores sociais.

No que tange aos aspectos do “processo”, temos em Santos (1985, p. 69) a definição de “[...] uma ação contínua desenvolve-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo, (continuidade) e mudança”. Ou seja, é na categoria “processo” que a “estrutura” se movimenta e promove mecanismos para alterar suas características. Ademais, é na categoria “processo” que a paisagem dos parques urbanos se modifica tanto nos aspectos dos componentes físico-naturais (clima, solo, hidrografia, vegetação, relevo) quanto como local de integração social e espacial nas cidades, que demonstram seu processo a partir de ações contínuas como lazer, comunicação, encontros, trabalho, descanso, práticas de exercícios, práticas culturais, contemplação e outras. Essa categoria tem importância fundamental entre as demais categorias, visto que é nela que aspectos do passado e do presente se evidenciam. Sakata relembra processos históricos que caracterizam modificações no meio, com destaque para os parques urbanos:

No Brasil, a partir das décadas de 1940 e 1950, com a intensa urbanização, os novos hábitos culturais e a diminuição dos espaços livres que podiam ser usados para o lazer, a figura do parque público multifuncional ganhou importância. Alguns jardins botânicos, parques de palácios e terrenos em torno de sedes de fazenda foram convertidos no século XX em parques públicos, que aproveitam a qualidade de seus espaços, originalmente tratados para a elite, para o usufruto da população. (2018, p. 40).

Dessa maneira, os parques urbanos carregam em si aspectos e elementos históricos e culturais de um dado tempo: “[...] espaço e tempo atuam concomitantemente nos parques públicos e servem de fio condutor da análise. As escalas espaciais constituem o primeiro nível da reflexão.” (SERPA, 2018, p. 69). As escalas espaciais possibilitam a leitura desses espaços a partir do contexto da cidade, da região, dos aglomerados, das segregações; já o tempo pode ser dividido em tempo curto, relacionado às práticas espaciais, ao uso e à apropriação por

parte dos usuários desse parque, e o tempo longo, mobilizado por parte das esferas do poder público e privado. Para exemplificar, temos o Parque Jardim Botânico (Figura 4), localizado na Região Sul de Goiânia, que possui mais de um milhão de metros quadrados, sendo a maior área verde da cidade; sua infraestrutura, para além de equipamentos de descanso e lazer, possui ainda um anfiteatro ao ar livre e um borboletário.

**Figura 4.** Parque Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, localizado na Região Sul de Goiânia.



Fonte: Trabalho de campo (2023).

As imagens retratam práticas espaciais e a apropriação por parte dos usuários do parque, definidas como uma ação contínua ou uma sucessão de ações por parte dos frequentadores. As pessoas procuram pelos parques urbanos por razões diversas, e, por



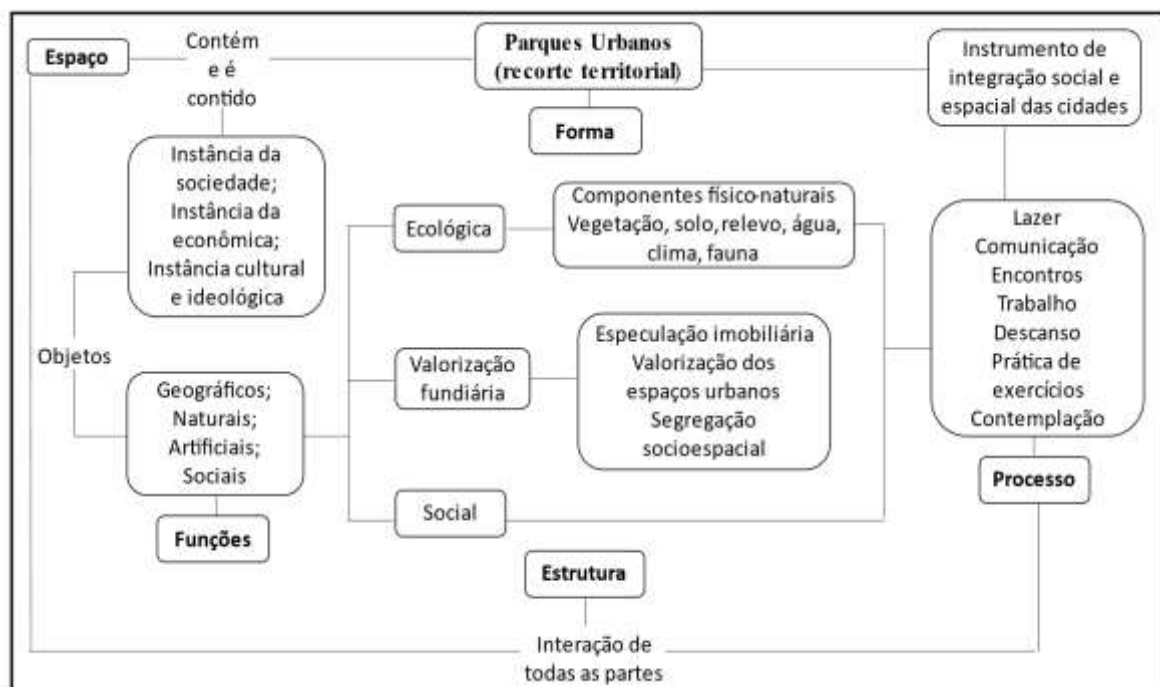
razões diversas a partir de todos os seus elementos (forma e função), constituem assim a “estrutura”, que “[...] implica a interrelação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção” (SANTOS, 1985, p. 69).

Em outras palavras,

Forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo. A descrição não pode negligenciar nenhum dos componentes de uma situação. Só se pode compreender plenamente cada um deles na medida em que funciona no interior da estrutura total, e está, na qualidade de uma complexa rede de interações, é maior que a mera composição de todas as partes. (SANTOS, 1985, p. 52).

A partir dessas definições, é possível compreender os parques urbanos que se destacam como uma porção dos espaços a fim de investigar e discutir o conceito e o domínio funcional dos parques urbanos no contexto do ensino dos componentes físico-naturais e sociais na Geografia escolar.

**Figura 5.** Sistema conceitual: parques urbanos e as categorias da teoria geográfica forma, função, estrutura e processos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).



O sistema conceitual (Figura 5) demonstra as potencialidades para o ensino dos componentes físico-naturais e sociais em parques urbanos através das categorias forma, função, estrutura e processos – da teoria geográfica. Assim, compreendemos que o espaço contém e é contido nas instâncias da sociedade – instâncias econômicas, culturais e ideológicas –, que têm na “forma” os parques urbanos, compostos por objetos geográficos, naturais, artificiais e sociais, que desempenham “funções” ecológicas, sociais e de valorização fundiária através de “processos” como lazer, comunicação, encontros, trabalhos, descanso, práticas de exercício, contemplação, entre outros. A soma da interação de todas essas partes constitui a “estrutura”, que também se desenvolve no espaço.

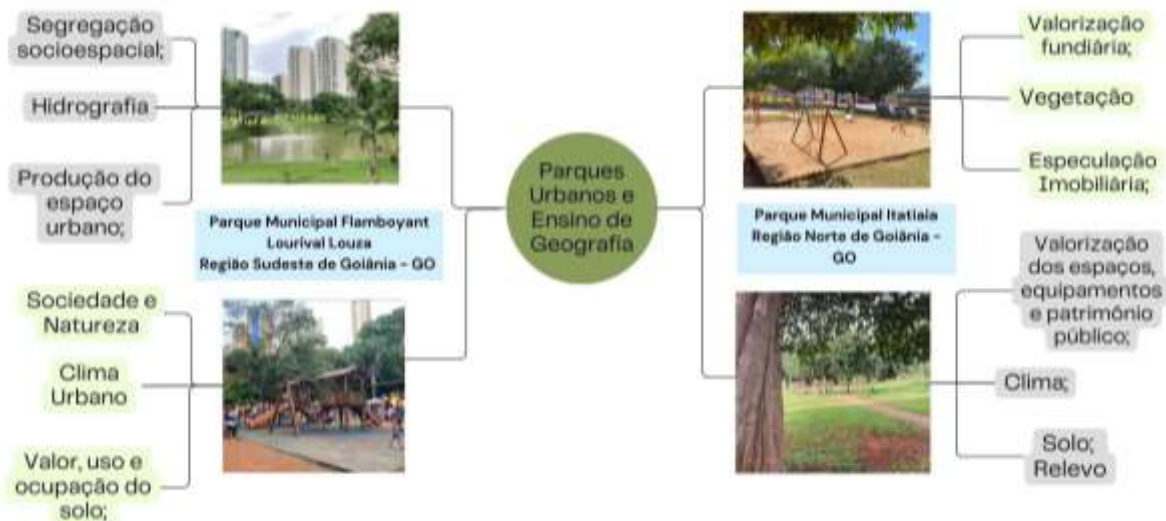
O referido sistema conceitual apresenta categorias da teoria geográfica – forma, função, estrutura e processos –, consideradas em conjunto e relacionadas entre si, pensadas a partir dos parques urbanos enquanto recorte territorial, construindo, dessa maneira, uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade (SANTOS, 1985). Portanto,

Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles. Se examinarmos apenas a forma e a estrutura, eliminamos a função, perderemos a história da totalidade espacial, simplesmente porque a função não se repete duas vezes. Separando estrutura e função, o passado e o presente são suprimidos, com o que a ideia de transformação nos escapa e as instituições se tornam incapazes de projetar-se no futuro. Examinar forma, função, sem a estrutura, deixa-nos a braços com uma sociedade inteiramente estática, destituída de qualquer impulso dominante. Como a estrutura dita a função, seria absurdo tentar uma análise sem esse elemento. (SANTOS, 1985, p. 76).

A análise do espaço, ou de um dado espaço a partir desses conceitos, demonstra ainda conteúdos da Geografia a serem trabalhados no ensino. A análise integradora dos parques urbanos a partir de sua forma, sua função, seus processos e sua estrutura permite a utilização dos parques urbanos enquanto recorte territorial para abordar temas e conteúdos da Geografia escolar. A Figura 6, a seguir, apresenta um infográfico de dois parques urbanos

localizados na cidade de Goiânia-GO em porções territoriais distintas, sendo o Parque Municipal Flamboyant, localizado na Região Sudeste de Goiânia-GO, e o Parque Municipal Itatiaia, que está na Região Norte de Goiânia-GO. A escolha desses parques se deu principalmente por aspectos locacionais, sendo possível contrapor as faces apresentadas em cada um deles e exemplificar as possibilidades de análises e comparações deles e de tantos outros parques urbanos através de conteúdos geográficos possíveis de serem trabalhados nesses espaços, como vemos a seguir:

**Figura 6.** Infográfico Parques Urbanos e Ensino de Geografia: potencialidades de conteúdos geográficos em parques urbanos



Elaboração: Wanessa Santos Silva (2023).

As imagens do infográfico são exemplos de parques urbanos da cidade de Goiânia-GO que podem auxiliar na escolha de outros parques em diferentes cidades. Eles demonstram possibilidades de ensino de Geografia a partir de fenômenos e conteúdos geográficos encontrados em parques urbanos. Elencamos conteúdos como uso e ocupação do solo, produção do espaço urbano, natureza e sociedade, segregação socioespacial, valorização do patrimônio público, componentes físico-naturais (clima, vegetação, solo, relevo, hidrografia) por serem conteúdos presentes nos documentos oficiais de ensino de Geografia que podem





ser trabalhados para além dos livros didáticos, com possibilidade de serem encontrados e relacionados a partir de um parque urbano.

### **Considerações finais**

Os parques urbanos são equipamentos públicos instalados nas cidades para finalidades diversas, em alguns casos concebidos enquanto locais de preservação das áreas verdes nativas, bem como da hidrografia presente em determinados pontos da cidade. Em outros casos, são áreas construídas e supervalorizadas através de parcerias entre o poder público e o poder privado, que fazem dessas áreas ambientes segregados que elevam o preço da terra e a tornam um ambiente propício para a especulação imobiliária. Esses são aspectos encontrados principalmente ao pensarmos na produção do espaço urbano, no uso e na ocupação do solo.

Pensar os parques urbanos a partir das quatro categorias de análise (forma, função, estrutura e processo) é perceber que a sociedade se torna protagonista, pois ela é responsável pelo movimento, pela dinâmica, pela produção e pela reprodução do espaço urbano, sendo ela quem dá características e concretude às relações mantidas nesses espaços. As categorias de análise de Milton Santos auxiliam na compreensão das relações existentes nos parques urbanos.

Por fim, acreditamos que os parques urbanos são ambientes em potencial para o ensino de Geografia, constituindo-se como áreas geograficamente definidas em que predominam os componentes físico-naturais, sociais, culturais e econômicos. A utilização desses espaços para aulas de Geografia pode ser feita através de trabalhos de campo, possíveis pelo fácil acesso a esses lugares, por meio de fotografias, vídeos e/ou questionários iconográficos, podendo ser relacionados a memórias construídas individualmente e ao conhecimento prévio dos estudantes em relação ao ambiente dos parques urbanos.



## Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processo, forma e significado: uma breve consideração. *In*: **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL**, 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Processo,%20Forma%20e%20Significado.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **Os Parques e a Produção do Espaço Urbano**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. Espaço público, Espaços públicos. **GEOgraphia**, v. 20, n. 44, p. 115-119, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v1i44.a27557>. Acesso em: 9 jul. 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KLIASS, Rosa Grena. **Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade**. São Paulo: Pini, 1993.

LIMA, Ana Maria Liner Pereira; CAVALHEIRO, Felisberto; NUSSI, João Carlos; SOUSA, Maria Alice de Lourdes Bueno; FIALHO, Nilva de Oliveira; PICCHIA, Paulo Celso Dornelles Del. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. *In*: Encontro Nacional sobre Arborização Urbana, 5., 1994, São Luís. **Anais...**, 1995. p. 539-553.

MACEDO, Sílvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil - 2000 a 2017**. 2018. 348p. Tese (Doutorado - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, 2018.

SANTOS, Milton. Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. *In*: SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 3. ed. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1992. 88p.



---

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002. 259p.

SERPA, Ângelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

STRAFORINI, Rafael. A Totalidade-mundo nas primeiras séries do Ensino Fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 18, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/203>. Acesso em: 6 jun. 2023.

---

**Adriana Olívia Alves** - Doutora em Geografia com ênfase em Ensino de Geografia e Componentes físico-naturais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Presidente Prudente. Mestre em Geografia com ênfase em Planejamento Ambiental Urbano em bacias hidrográficas - UNESP/Presidente Prudente. Graduada (licenciatura e Bacharelado em Geografia - UNESP/Presidente Prudente. Professora adjunta nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - IESA/UFG. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino em Ambiente (Núcleo GEA) registrado no CNPq, no Lepeg/ IESA/UFG.

**Wanessa Santos Silva** – Mestre em Geografia com ênfase em Ensino de Geografia e Trabalho de Campo pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Pós graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura - FABEC. Graduada em Geografia licenciatura pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professora de Geografia na Educação Básica pela Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo/GO. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino em Ambiente (Núcleo GEA/LEPEG/IESA-UFG).

---

Recebido para publicação em 02 de agosto de 2023.

Aceito para publicação em 24 de outubro de 2023.

Publicado em 21 de dezembro de 2023.